

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

Thalyson Souza
Pinheiro*,
Alessandra Moreira
Galvão**, Badu
Ifama Gbadegoke***

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.
v13i2p14-38

Resumo: Tendo vivenciado os espaços da memória em instituições da capital paraense através das práticas de estágio supervisionado, como o Arquivo Público do Estado do Pará (APEP) e o Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (Centur), objetivamos discutir as experiências e aprendizados que ocorreram nessas instituições responsáveis pela salvaguarda da documentação histórica da Amazônia. Essa documentação é responsável por servir como elemento fundamental para a escrita de narrativas históricas acerca da região e de seus processos políticos, econômicos e socioculturais. Para isso, discutimos os conceitos de memória, identidade, história e patrimônio histórico presentes tanto nas documentações históricas desses arquivos, quanto na bibliografia acerca do tema. Isto posto, em linhas gerais, as atividades empregadas no Arquivo Público do Estado do Pará e no Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves, demonstraram como as dinâmicas de funcionamento desses espaços estão diretamente ligadas à forma como são recebidos os pesquisadores, além de influenciar na configuração e organização do acervo documental do lugar. Por fim, conclui-se que o Arquivo Público do Estado do Pará proporciona uma experiência mais profissional com o tratamento das fontes históricas, há um complexo processo de verificação dos dados de cada documento que chega na instituição, porém o acesso ao grande público torna-se limitado. No que tange ao Centur, este oferece um espaço mais acolhedor e, conseqüentemente, com mais frequência de visitas, e proporcionando maior contato do grande público com a documentação histórica e com a história da região amazônica.

Palavras-chave: Arquivos; Identidades; Memória.

* Graduando em História Bacharelado, bolsista PIBIC-PRODUTOR da UFPA, e-mail para contato: thalysonp12@gmail.com ** Graduanda de História Bacharelado, bolsista PIBIC-CNPq, e-mail para contato: alessandramoreiragalvao@gmail.com *** (nome social) graduanda em História Bacharelado, e-mail para contato: beatriz.ranieri@ifch.ufpa.br. Este artigo foi resultado da disciplina intitulada "Estágio Supervisionado III" do curso de História Bacharelado da Faculdade de História (FAHIS) da Universidade Federal do Pará (UFPA) que ocorreu entre agosto e dezembro de 2023. Agradecemos ao Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco, ao diretor do Arquivo Público do Estado do Pará (APEP) Leonardo da Silva Torii, aos funcionários do setor de Pesquisa e Documentação do APEP, bem como aos funcionários do setor de Obras Raras do Centur. Além disso, agradecemos a ajuda de Alison Jean Costa Furtado, fotógrafo que auxiliou na coleta, edição e escolha das imagens do artigo.

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

A relação entre história e memória é intrínseca e constitui-se um dos alicerces da pesquisa em história (SILVA; SILVA, 2009, p.55). Essa memória seleciona, filtra e elege totens¹ para integrar as narrativas aos que a forjaram. Portanto, o que existe não corresponde necessariamente à totalidade do passado, e sim configura-se como uma escolha feita pelos grupos detentores de poder envolvidos nos processos que selecionam o que será lembrado e esquecido durante a fluidez do tempo no mundo, o mesmo processo também é realizado pelos profissionais que se debruçam sobre o estudo e a pesquisa da dita ciência do passado (LE GOFF, 1988, p.485). Nesse sentido, essa seleção de memórias resulta em narrativas baseadas na escolha de documentos por esses profissionais, assim como acontece com os monumentos e a sua 'transmutação' em documentos (LE GOFF, 1988). Contudo, não é apenas no lembrar ou no erigir de documentos e monumentos que ocorre essa relação com a memória, o esquecimento se torna fator essencial nessa rememoração, pois demonstra a vontade de determinados grupos de omitir, esquecer ou ocultar certos acontecimentos (SILVA; SILVA, 2009, p.276). Desta forma, a presença, ausência e a seleção do que se deve lembrar é um paradoxo constante, pois se ao lembrar e, conseqüentemente, selecionar algo nessa rememoração, estamos esquecendo e silenciando outras memórias, outras vozes. Constitui-se, portanto, o trabalho do historiador, em um trabalho constante de 'criação' e 'omissão' de narrativas.

É essa complexa relação entre memória, esquecimentos e a pesquisa histórica, que esteve presente nas experiências vivenciadas nas instituições históricas intituladas de espaços da memória nesta discussão, relação complexa esta que

¹ A escolha, ou elaboração de totens fazem parte da construção identitária de um grupo. Sendo assim, os totens são compostos de sentimentos de pertencimento.

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

influencia na gênese das narrativas históricas e suas respectivas conclusões. Esses espaços estão dentro de um contexto da capital da Amazônia paraense, mais especificamente a cidade de Belém do Pará, onde essas instituições se transformaram em guardiãs da memória do povo da região. Cabe-nos, porém, questionar: Que memória é essa? Como se dá o acesso à essa documentação responsável por tecer as narrativas históricas da região? Qual a relação entre o grande público e os acadêmicos com essas instituições? Essas perguntas nortearam essa discussão, bem como as vivências nesses espaços.

Posto isso, objetivamos com esta discussão expor as experiências de um grupo de alunos da disciplina de Estágio Supervisionado III, do curso de História Bacharelado da Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus Guamá, com os lugares de memória da capital paraense entre outubro de 2023 até dezembro do mesmo ano - período de vigência da disciplina. As vivências e pesquisas nos espaços de memória, através do estágio prático, nos possibilitou entrar em contato com aspectos fundamentais para a formação de historiadores da Amazônia conectados com as realidades locais de cada contexto social. Os espaços frequentados foram o Arquivo Público do Estado do Pará (APEP), localizado no centro histórico da capital belenense², e o Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (Centur)³. Nesses dois espaços foram analisados, durante o período de estágio, a Seção de Documentação e Pesquisa do APEP e no Centur a Seção de Periódicos e de Obras Raras.

² Tv. Campos Sales, 273 - Campina, Belém - PA, 66019-050. Horário de funcionamento: de segunda-feira a sexta-feira, das 08:00 às 14:00. Contato: [\(91\) 3252-8588](tel:(91)3252-8588).

³ Av. Gentil Bitencourt, 650 - Nazaré, Belém - PA, 66035-340. Horário de funcionamento: segunda-feira a sábado, das 09:00 às 18:00. Contato: [\(91\) 3284-9000](tel:(91)3284-9000).

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

Os guardiões da memória da Amazônia paraense

A ida e o convívio diário nos espaços do Arquivo Público do Estado do Pará (APEP) e no Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (Centur) nos possibilitou verificar aquilo que a historiadora francesa Françoise Choay afirma sobre a transfiguração dos edifícios em prédios históricos⁴. A autora enfatiza em “A Alegoria do Patrimônio” (CHOAY, 2006), que espaços como esses, no qual são alocadas as documentações históricas de uma determinada região, ou período histórico, são considerados pertencentes a dois momentos e mundos diferentes. Sendo assim, o primeiro deles é o mundo presente, esse sendo imediato, o agora. Por outro lado, o segundo é nomeado pela autora como inapreensível (CHOAY, 2006, p.158), algo perdido pelos ecos da história, algo inalcançável e corroído pelo passar do tempo. O Arquivo Público do Estado do Pará e o Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (Centur) pertencem a esses dois mundos: servem à população do presente através da salvaguarda da documentação histórica da região norte, pois possibilitam o uso dessas informações para solicitar nacionalidades estrangeiras, reconstituição de árvores genealógicas e disputa por bens e heranças familiares e conjugais, pesquisas acadêmicas, etc. Mas não só isso, essas instituições pertencem ao imaginário coletivo, fazem-se presentes nas memórias dos moradores da região supracitada⁵ - memórias

⁴ Quando fazemos essa afirmação estamos nos referindo à importância histórica que o prédio, arquivo ou o conjunto de informações alocadas naquele espaço têm para a sociedade. O Centur não é tombado como patrimônio histórico oficialmente, porém constitui-se como um grande referencial aos pesquisadores de Belém e arredores. Isso nos leva a questionar as políticas de tombamento hoje vigentes no Brasil, assunto que não cabe à essa discussão.

⁵ Tanto o Centur como o APEP estão localizados em bairros com grande fluxo na cidade de Belém. O APEP situa-se no Centro Histórico de Belém, bairro da Campina, no coração do comércio da cidade, possuindo barracas de vendas como comida, conserto de relógio, vendas de roupas, importados, etc. Já o Centur localiza-se em um bairro nobre da capital, com colégios renomados, alguns monumentos

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

essas imersas em vivências nesses espaços. É esse inapreensível, invocado na análise de Françoise Choay, que emerge no APEP e no Centur.

Observamos, com isso, que os arquivos presentes nessas instituições transmutam-se em guardiões da memória da Amazônia, pois são responsáveis pela proteção e salvaguarda de uma pluralidade de documentos históricos a respeito da história paraense e da Amazônia brasileira. Agenor Sarraf e Leonardo Torii (2015), historiador e diretor do APEP, respectivamente, afirmam que esses documentos podem ser interpretados como “casca da memória”, pedaços que se soltaram da grande árvore que é a história, e podem servir como pontes que ligam o passado ao presente e que podem costurar uma teia de narrativas acerca da região Amazônica (SARRAF-PACHECO; TORII, 2015, p.223). Portanto, o contato com essas cascas, ou documentações históricas, revelam as histórias, temas, pessoas, casos, discursos e outros inúmeros elementos presentes nos documentos guardados nessas instituições, fomentando o conhecimento de um passado histórico submerso no esquecimento - ou inapreensível como afirma Françoise Choay. Além do conhecimento, criam-se memórias afetivas que podem ser entendidas como pertencentes a diferentes grupos sociais localizados no tempo e no espaço (SILVA; SILVA, 2009, p. 276).

Isto posto, a construção de identidades e de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) através desses elementos nos possibilitou inferir acerca do papel dessas instituições da capital paraense na pesquisa em história e na formação do

históricos, e aqui mencionamos a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, contudo, torna-se importante ressaltar a presença de ambulantes nos pontos já citados.

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

profissional em história, responsável por forjar narrativas através da escrita historiográfica da Amazônia, mais especificamente a história da Amazônia paraense. Para responder a essas indagações, procuramos descrever as experiências nessas instituições de forma separada, primeiro o APEP e posteriormente o Centur, visando analisar as especificidades de cada setor para que possamos elencar as características que melhor respondem às nossas indagações.

Para alcançar esse objetivo, nos utilizamos das discussões acerca de arquivos históricos, patrimônio histórico, memória e a construção de identidades analisadas por José Gonçalves em seu livro "Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios" - de 2007, bem como as discussões de Le Goff na obra "História e Memória" de 1988, especificamente no capítulo intitulado "Monumento/Documento". Ademais, as contribuições de autores da Amazônia foram essenciais para a discussão, sendo as análises de Agenor Sarraf-Pacheco e Leonardo Torii com seu artigo de 2015 intitulado "Um Guardião em Teias: caminhos e sentidos na criação do arquivo público do estado do Brasil" basilares para discutir a fundação e a história do Arquivo Público do Estado do Pará. Por fim, a discussão de Leonardo Torri, atual diretor do APEP, e da Arquivista e professora da Universidade Federal do Pará (UFPA) Iane Batista intitulado "Entre a administração e a memória: notas sobre o Arquivo Público do Estado do Pará (1894-1906)" nos auxiliou a elucidar as complexidades da memória e a questão arquivística dentro do APEP e do Centur.

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

O Arquivo Público do Estado do Pará: um possível ponto de inflexão na história da Amazônia paraense

O Arquivo Público do Estado do Pará (APEP) é um órgão da Administração Pública Estadual, vinculado à Diretoria de Patrimônio (DPAT) e à Secretaria de Estado de Cultura (SECULT). Teve seu prédio construído na segunda metade do século XIX, aproximadamente no ano de 1848, no dia 16 de abril, e foi primeiramente conhecido como Banco Central do Pará. Localizado na travessa Campos Sales, no bairro da Campina, em Belém do Pará, a instituição oferece acesso à documentação aos pesquisadores e para a população interessada.



Imagem 1: Fachada do Arquivo Público do Estado do Pará – APEP. Fonte: acervo pessoal.

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

Foi neste espaço, com características imponentes, em tons lidos como “clássicos” ou “neutros”, reforçando o ar “elitizado” e “distante”, que ocorreram as primeiras experiências do estágio prático entre 20 e 27 de outubro de 2023 das 8h da manhã até 12h. Os alunos foram separados em 3 equipes, no qual cada equipe ficou com 6 pessoas. Sendo assim, foram alocados nas seções de documentação e de pesquisa da instituição localizados no térreo do prédio. Importante frisar que esse local só é acessado por funcionários ou com autorização através de agendamento prévio.

Sobre as características e a forma como percebemos o APEP, nos foi possível, através das leituras e discussões em sala de aula, ter conhecimento acerca da quantidade de documentação presente sob os cuidados da instituição. Dito isso, a instituição comporta em seu acervo quase quatro milhões de documentos (SARRAF-PACHECO; TORII, 2015, p.226), tendo uma imensa gama de fontes materiais, indo de avulsos a iconografias, que datam do século XVII até o século XX. Essa documentação é diversa e abarca, no geral, não só a história do Pará, mas da Amazônia em seu âmbito nacional e internacional. É nesta relação, portanto, entre a história do Brasil e a história global, destacando esses espaços de memória como momentos de história nacional (PIERRE, 2012), que o APEP constitui-se como um lugar que integra diferentes narrativas, sejam elas de caráter conservador, mas também de caráter regional.

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará



Imagem 2: Documentos catalogados em estantes presentes no hall de pesquisa disponível ao público.
Fonte: acervo pessoal.

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke



Imagem 3: Espaço destinado aos pesquisadores e visitantes interessados em documentação para retirada de documentos. Fonte: acervo pessoal.

Torna-se interessante pensar a estrutura arquitetônica, projetada para transmitir uma imagem de grandiosidade, altivez e poder, que distancia-se da camada popular – a anterior e a atual – e que busca armazenar documentos que contam a trajetória desta mesma camada social, mas em períodos recuados no tempo.

Algo semelhante ao que discutiu o historiador mexicano Pablo Serrano Álvarez (2001) em “Interpretaciones de la Historiografía Regional y Local Mexicana, 1968-1999. Los retos teóricos, metodológicos y líneas de investigación”. Neste texto, Álvarez destaca o surgimento da história regional em oposição ao método homogeneizante e centralizador da história nacional, para que ao fim destaque a emergência de uma nova periodização dos processos históricos mexicanos, pois não há como se propor

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

novos métodos e novos olhares se a estrutura narrativa continuar sendo a estatal homogeneizante que atenta para uma agenda global e que deixa de lado aspectos tão caros à uma renovação histórica em busca da diversidade. Isto posto, assim como Pablo Álvarez destaca a história regional como um importante método de implosão de narrativas centralizadoras mexicanas, o APEP nos serve como um momento de ruptura de narrativas homogeneizantes na Amazônia paraense, e abre um leque de possibilidades e discursos que podem integrar as vozes da Amazônia na narrativa histórica nacional e internacional, objetivando a construção de uma renovação histórica caracterizada pela diversidade e pluralidade de agentes que constroem, através de lugares “afastados do centro”, novas narrativas. Logo, se a busca por uma historiografia decolonial significa em algum momento propor novos modelos interpretativos, o APEP pode ser um campo frutífero para viabilizar a criação desses novos modelos.

Acerca da documentação histórica salvaguardada na instituição, as fontes documentais estão divididas a partir dos 3 poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. O Executivo abrange redigidos relacionados e/ou produzidos pelo governo amazônico ao longo da Colônia, Império e República. Já o Legislativo possui a documentação dos séculos XIX e XX, sendo elas atas, ofícios, prestação de contas, decretos e muitos outros. Por fim, o Judiciário engloba também os séculos XIX e o século XX, e algumas de suas documentações consistem em autos diversos, certidões de casamento, cartas de alforria, inquéritos e óbitos (SARRAF-PACHECO; TORII, 2015).

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke



Imagem 4: Pesquisador analisando documentação da Divisão de Crimes Contra Pessoa. Fonte: acervo pessoal.

No âmbito das experiências com essas documentação, tivemos contato com o setor de documentação e, posteriormente, o de pesquisa. Além disso, manuseamos e catalogamos o fundo da Chefatura de Polícia, série 1922, que tratava de lista de passageiros, contendo brasileiros e imigrantes que chegaram em Belém no século XX. Ademais, no setor de documentação lidamos com a *Divisão de Crimes Contra a Pessoa*, mais especificamente com acidentes de trânsito, roubo de propriedades e homicídios na segunda metade do século XX⁶.

⁶ A documentação analisada consistiu em um processo da Secretaria de Segurança Pública em que um inquérito policial foi aberto para investigar uma acusação de lesão corporal ocorrida no ano de 1981 na região de Nascimento no município de Chaves no Pará. Com a leitura, coleta de dados e a análise desse inquérito, concluímos a existência da complexidade das relações sociais que ocorriam neste período,

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

Após lermos todo o processo, nos foi dada a missão de localizar informações centrais dos inquéritos: as partes do processos (e caso houvesse, seus vulgos, que seriam apelidos que poderiam aparecer durante a documentação). Através dessas informações nos aproximamos da história do cotidiano das pessoas comuns da cidade de Belém e dos municípios ao redor - ao lidarmos com informações sobre pessoas de diversas classes sociais e identidades, bem como de suas intrincadas redes de sociabilidades e suas formas de argumentar frente à justiça. Isso nos aproximou de uma espécie de história encarnada/história regional que lida com gentes, nomes e especificidades das regiões das regiões que não são normalmente contempladas por pesquisas acadêmicas por estarem afastadas dos grandes centros urbanos amazônicos ou capitais. Além disso, nos infere pensar acerca da preocupação em construir uma história regional desde o início do século XX, ligado ao processo de construção da identidade nacional (FREITAS, 2007).

Sobre o espaço e as possibilidades de pesquisa ao profissional da história, a atuação nos setores da pesquisa e documentação, onde são recebidas e posteriormente limpas e catalogadas, constituem-se em locais para aplicar o ofício da pesquisa em história. Além disso, a leitura das fontes, (para retirar informações básicas), a digitalização dos documentos, (para facilitar o acesso do público), a transcrição dos documentos, (para produzir um resumo que pode ser utilizado em

as lutas pelas fazendas, roubo de óleo, galinhas e materiais como canoas e objetos pessoais. A interferência da polícia nesta região, e a respectiva captura dos responsáveis, nos mostrou os conflitos agrários, sociais e culturais que tomaram forma no ano de 1981 nesta região do interior da Amazônia paraense.

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

exposições e pesquisas), são possibilidades para a atuação do historiador na instituição.

Sendo assim, a “missão” do APEP, consistia na ideia de preservação e disponibilização da documentação histórica do Pará, porém esta girava em torno da regularização de terras e demarcação de fronteiras municipais, estaduais e internacionais. Nesse sentido, a instituição assumiu um caráter cartorial, utilizada majoritariamente para fins administrativos

As prioridades com este tipo de documento eram inerentes aos interesses políticos, que priorizavam a funcionalidade e as ações do arquivo para além do recolhimento documental (BATISTA; TORII, 2018). Pode-se estabelecer, portanto, uma indagação acerca da seletividade na catalogação dos tipos de imigrantes ou a própria escolha em preservar esta determinada lista de passageiros, ao invés de outras quaisquer. Nesse sentido, indagamos acerca dos documentos que foram preservados: não serão, portanto, as vozes que conseguiram gritar mais alto e se sobrepôr no discurso das vozes silenciadas? Ou ainda as vozes que conseguiram gritar mais alto e se sobrepôr às vozes silenciadas no discurso, constituindo-se, assim, como a memória coletiva do Arquivo? Entende-se que há preferências quando se trata da conservação de documentos e da construção de monumentos que podem virar documentos, como discute Le Goff (1988) ao partir da afirmação que a mentalidade social de cada época que reformula o passado e forja pela arrumação, seleção, compilação e descoberta das fontes verídicas e legítimas da História (LE GOFF, 1988). O discurso histórico prezou (e ainda preza) pela unicidade ideológica dentro das instituições – como acontece em outras instituições paraenses como o

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

Instituto Histórico e Geográfico do Pará, o Centro de Memória da Amazônia e o próprio Arquivo Público do Estado do Pará –, a fim de criar uma imagem identitária fixa para si, intrinsecamente ligada aos próprios processos sócio-históricos que passaram. Nesse sentido, o presente e o passado, em uma relação paradoxal, ainda se retroalimentam.

Ainda sobre o discurso histórico e as instituições da memória histórica, o historiador José Gonçalves (2007) analisa essa suposta ideia de “imparcialidade” do historiador na escrita historiográfica que registrava os fatos “tais como ocorreram” e “honestamente”. Mas, na verdade, o que houve foi uma “criação” do fato, misturando aspectos ficcionais com a realidade para performar uma narrativa destinada a um determinado grupo interessado e que concentrava esse capital intelectual ligado inerentemente ao poder (GONÇALVES, 2007). Pode-se elencar aqui também, como exemplo desta afirmativa, as visões de Rodrigo de Andrade e Aloísio Magalhães, ambos ex-diretores do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN). Rodrigo de Andrade defendia a apropriação do patrimônio para ensinar e civilizar a sociedade em relação ao passado a partir da construção de uma narrativa. Aloísio Magalhães, contudo, priorizava a “criação” e a continuidade da nação por meio do passado como referência.

Em linhas gerais, o patrimônio documental presente no APEP nos ajuda a conhecer mais do nosso passado Amazônico, porém, é necessário entender que todo patrimônio é um discurso que está querendo ser contado, uma história de um grupo que está sendo narrada (a partir de um ponto de vista muito específico), pois esses grupos utilizam-se de estratégias e elementos institucionais e intelectuais para narrar

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

a própria memória e, conseqüentemente, erigir narrativas, buscando com isso o reconhecimento perante a sociedade (GONÇALVES, 2007). Logo, deve-se pensar não apenas na patrimonialização do Arquivo Público do Estado do Pará no sentido arquitetônico, mas na documentação que é salvaguardada ali, percebendo que sua criação é uma representação da própria história do Pará, história essa que está ligada e relacionada com a criação da identidade paraense e da Amazônia, tendo visto que esse processo acontece a partir do viés de um certo grupo social, espaço ou questões políticas, econômicas e ideológicas. Ademais, é importante o investimento na digitalização dessas obras, bem como a disponibilização desses documentos online, tais como o acervo online do CENTUR, para que cada vez mais pessoas tenham acesso a esses dados, não somente aqueles que residem ou se deslocam até Belém do Pará. Discutiremos as questões do Centur a seguir.

Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves/ Fundação Cultural do Estado do Pará (Centur)

É no ano de 1986 que é instituído o Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves/ Fundação Cultural do Estado do Pará (Centur). Localizado na Avenida Gentil Bittencourt no Bairro de Nazaré, em Belém do Pará. A instituição estrutura-se através dos seguintes setores: a Biblioteca Pública Arthur Vianna, o Centro de Eventos Ismael Nery, o Teatro Margarida Schivasappa, o Cine-Teatro Líbero Luxardo, a Galeria Theodoro Braga, a Fonoteca Pública Satyro de Mello, além de halls e duas praças internas destinadas para grandes eventos da cultura paraense. Entre os setores do Centur, buscamos destacar a Biblioteca Arthur Vianna, espaço esse dividido em: Brinquedoteca, Fonoteca Satyro de Mello, Gibiteca, e espaço Braille e o de Obras Raras.

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará



Imagem 5: Fachada do Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves/Sede Fundação Cultural do Pará – Centur. Fonte: foto de Marcelo Seabra/ Agência do Pará.

A imagem acima apresenta a fachada do Centur com murais possuindo elementos amazônicos, feitos por artistas paraenses que trazem suas concepções artísticas somadas as suas vivências locais, trazendo traços e cores de desenvolvimento artístico individual. Porém, que remetem à cultura desta região quando trabalhados e apresentados em conjunto. Assim, como exposto no exterior do prédio, o caráter multifacetado que converge a um ponto em comum, pode ser

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

encontrado no seu interior, onde atividades culturais e pesquisas acadêmicas podem ser executadas no centro cultural da capital do Pará, como as feiras populares e as fontes históricas presentes no local.

Acerca do acervo da instituição, o prédio comporta 800 mil volumes que vão desde produções fílmicas, acervo sonoro, espaços de microfilmagem e acervo digital. Com isso, as possibilidades de pesquisa nos setores são diversas e proporcionam o contato com uma variação de fontes, no qual o profissional de história pode exercer a sua pesquisa histórica. Destacamos filmes e livros raros que não se encontram mais disponíveis para a compra, obras paraenses e da cultura amazônica. Nesse sentido, apesar de mais breve que a experiência no APEP, fora com estes setores e seus respectivos materiais que lidamos⁷. Portanto, isso nos proporcionou o contato com produções audiovisuais, literaturas em braille e fontes sonoras, que nos fomentou inúmeras possibilidades de pesquisas e o conhecimento da ampla tipologia de documentação presente na instituição.

Em relação ao estágio prático e a experiência dentro do arquivo da instituição, este ocorreu no período de quatro dias: dois dias no setor de Periódicos e dois dias no setor de Obras Raras. Com a ajuda dos servidores da instituição, foram selecionados diversos jornais da década de 1970, incluindo “O Estado do Pará” (PA) e “A Província do Pará” (PA), a fim de encontrar artigos e/ou recortes que abordassem a Operação Prato, operação militar realizada em 1977 para investigar relatos de óvnis no município de Colares, no Pará. A pesquisa e a catalogação desses periódicos

⁷ Essas atividades foram realizadas entre 10 e 17 de novembro de 2023. Os alunos foram divididos em 3 grupos, cada equipe com 6 alunos. No total participaram 18 alunos da visita e da pesquisa aos espaços de pesquisa e de socialização do CENTUR.

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

possibilitou o conhecimento de diversos aspectos da capital paraense durante a Segunda Guerra Mundial, bem como ações governamentais em cidades do interior do Pará.

Acerca das possibilidades de pesquisa ao profissional de história, elas são inúmeras, se estiver interessado ou procurar informações sobre a temática da ditadura e/ou assuntos inerentes a essa época no catálogo e na documentação encontrará na seção de periódicos a documentação da década de 1979, como a própria Operação Prato, que envolve não só medidas governamentais, mas as próprias tradições, crenças e lendas da população colareense, e seus testemunhos e supostos efeitos que o óvni causou no auge do Regime Militar brasileiro. Além disso, nesses jornais podem ser coletadas informações sobre os acontecimentos acerca da Segunda Guerra Mundial, como o estado em que se encontravam os países e os continentes, bem como a quebra de alianças internacionais ou a formação de novas. A narrativa da dita história oficial está impressa nos jornais, porém com um olhar acurado de historiador profissional, enxerga-se aspectos sociais e temas plurais da cultura interiorana da Amazônia paraense que se cruzam e confrontam-se.

Outro aspecto a ser destacado são as condições e a forma em que a pesquisa histórica aconteceu nesses locais. Muito se fala acerca das pressões que esses lugares de memória causam no historiador, exemplo disso é discutido pelo historiador Michel de Certeau na sua obra “A Escrita da História” (1975) em que salienta no capítulo dois, “A operação historiográfica”, a relação entre o historiador, as fontes históricas e as instituições. Essa análise do Certeau demonstra como as instituições são responsáveis por mediar essa relação entre as fontes históricas, o pesquisador e a

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

escrita da história de forma a influenciar o seu conteúdo e o acesso a essas informações. Em concordância com isso, o semelhante ocorreu no APEP e no Centur, pois notamos a mediação da instituição no acesso aos arquivos e na forma como devem ser manuseados. Michel de Certeau, porém, fala sobre o aspecto teórico e ideológico que as instituições exercem sobre o historiador, busco destacar, além disso, os aspectos cotidianos e materiais ofertados e proporcionados pelas instituições de pesquisa da Amazônia paraense.

No APEP e no Centur é proibido fotografar as fontes, o flash do celular pode danificar o documento a longo prazo. Porém, esse cuidado não é o mesmo com o manuseio da fonte. Nas visitas ao Centur, faltavam luvas e máscaras para a pesquisa, no que aumentam os riscos de contato com organismos que podem prejudicar a pele, bem como a inalação de poeira, causando futuros problemas respiratórios - a pesquisa permaneceu e teve de ser feita correndo esses riscos. No APEP, setor térreo, e local onde foram feitas as coletas das fontes, o ar-condicionado parou de funcionar⁸ e a pesquisa teve de ser encerrada mais cedo - apesar do local fornecer luvas e máscaras para todos.

Dito isso, de forma geral, é possível estabelecer uma reflexão quanto à forma em que a instituição configura-se, a organização do seu acervo e as políticas de acesso à essas informações, e de como isso acaba constituindo-se fator de grande influência na pesquisa.

⁸ Importante ressaltar a questão do clima em Belém do Pará. A cidade tem clima tropical úmido, com elevadas temperaturas ao longo do ano. É praticamente impossível pesquisar ou permanecer em um local fechado por muito tempo sem uma climatização razoável. A manutenção de equipamentos de refrigeração ainda é um grande desafio às instituições paraenses. Posto isso, a pesquisa se deu como encerrada também por motivos de bem estar e saúde dos alunos ali alocados.

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

Conclusão

Desta forma, através da vivência nos espaços da memória na capital paraense, o APEP e o Centur, nos foi possível observar as dinâmicas de funcionamento dos locais, a lógica de funcionamento dos arquivos, sua estrutura interna e divisão entre os funcionários locais, bem como seu impacto sociocultural no bairro em que está localizado - como foi o caso dos moradores ao redor do Centur e dos alunos de escolas e cursinhos de pré-vestibular que ficam em frente ao prédio que, ao frequentarem o local e se apropriarem dos espaços da instituição, conseqüentemente angariando para si experiências, acabaram apreendendo conhecimento e momentos de lazer através da instituição.

Nesse sentido, inferimos que os espaços de memória possuem elementos importantes para a pesquisa, fomentam a análise histórica, criam identidades e narrativas plurais, contudo não é apenas isso. Se com o Centur a população é mais assídua no local, no APEP observamos a intimidação das pessoas ao redor em adentrar o espaço. O aspecto imponente do prédio, adornado pela arquitetura neoclássica, causa intimidação na população ao redor. Em determinadas situações, moradores das redondezas, vendedores e transeuntes apenas enxergavam como apenas mais um prédio público da cidade. Quando perguntávamos acerca do local algumas pessoas sabiam apenas o nome, outras nem isso. Os que passavam observavam aquele imenso guardião da memória como um simples prédio, invisibilizado pelo desconhecimento sob o olhar desatento. Todavia, a identificação das carências tornam-se importantes para lançar luz às necessidades que visem o melhoramento desses espaços e para que possam atender ao público que deve

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

usufruir do serviço, exigindo para si identidades e adentrando na narrativa histórica nacional, através de uma história regional.



Imagem 6: Lateral do Arquivo Público – APEP, em um dia ensolarado. Fonte: acervo pessoal.

A lateral do prédio presente na imagem, com um vendedor de capinhas de celular, sentado em um banco de plástico, com roupas em amarelo e jeans gasto, em um dia ensolarado, típico da região, capta toda a discussão presente neste trabalho. Assim, conseguimos ver, em um recorte e apreensão de um momento que repete-se todos os dias, de diversas formas, a mutabilidades de sujeitos ao redor da instituição. Aqui, vemos a relação de sociabilidade entre o altivo, poderoso e belo APEP e a população que o circunda, um relacionamento contraditório, de proximidade e distanciamento.

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

Em síntese, se a memória tem o objetivo de salvaguardar o sentimento de pertencimento e coletividade de um povo, ou mesmo para manter a coesão da sociedade e das instituições, bem como para definir lugares de respeito e de submissão, como discute José Gonçalves (2007), essa memória não deve ser resguardada apenas aos de dentro, deve ser acessível ao público através de uma linguagem compreensível, pois se entendermos esse caleidoscópio documental como patrimônio histórico do povo é através da posse dele que se define uma identidade contra hegemônica amazônica.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, Pablo Serrano. Interpretaciones de la Historiografía Regional y Local Mexicana, 1968-1999. Los retos teóricos, metodológicos y líneas de investigación. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol. 6, no 2, p. 113-125, 2001.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BATISTA, Iane Maria da Silva; TORII, Leonardo da Silva. Entre a administração e a memória: notas sobre o Arquivo Público do Estado do Pará (1894-1906). **Revista Analisando em Ciência da Informação**, Paraíba, v. 6, p. 547-562, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2006.

FREITAS, Iza Vanesa Pedroso de. **O Patronato das Letras: Cultura e Política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937)**. Dissertação de Mestrado (História Social da Amazônia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

Thalyson Souza Pinheiro, Alessandra Moreira Galvão, Badu Ifama Gbadegoke

GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007 (p. 107-159).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª edição; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, [S. l.], v. 10, 2012.

SARRAF-PACHECO, Agenor; TORII, Leonardo. UM GUARDIÃO EM TEIAS: Caminhos e Sentidos na Criação do Arquivo Público do Estado do Brasil. **Americania**. Revista de Estudios Latinoamericanos de la Universidad Pablo de Olavide de Sevilla, Sevilha, v. 02, p. 223, 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

Imagens

Imagem 1: Fachada do Arquivo Público do Estado do Pará – APEP. Fonte: acervo pessoal.

Imagem 2: Documentos catalogados em estantes presentes no hall de pesquisa disponível ao público. Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 3: Espaço destinado aos pesquisadores e visitantes interessados em documentação para retirada de documentos. Fonte: acervo pessoal.

Imagem 4: Pesquisador analisando documentação da Divisão de Crimes Contra Pessoa. Fonte: acervo pessoal.

Imagem 4: SEABRA, Marcelo. Foto: Fachada do Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves)/Sede Fundação Cultural do Pará – Centur, 2022; In: SECOM, Governo do Pará, **Agência do Pará**, 2022 FCP difundiu cultura e lazer em mais de 50 municípios do estado em 2022; Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.agenciapara.com.br%2Fnoticia%2F40174%2Ffcp-difundiu-cultura-e-lazer-em-mais-de-50-municipios-do-estad>

A memória, o guardião e as narrativas: experiências nos arquivos e instituições históricas de Belém do Pará

[o-em-2022&psig=AOvVaw04IEfXulr44HfBN4-BeyzU&ust=1722804092053000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBQQjhqxqFwoTCNCD97PX2YcDFQAAAAAdAAA](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1518-8745(24)00000-0)
[AABAd](#), Acesso em: 03 ago. 2024.